

A INTERFACE ENTRE ORALIDADE E ESCRITA NO GÊNERO TEXTUAL TIRA EM QUADRINHOS

Antonia Maria de Freitas Oliveira (1); Francisca Fabiana da Silva (1)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
maria.oliveira2981@gmail.com
fabianaccora@hotmail.com

Resumo: A oralidade é a modalidade da língua mais empregada nas interações comunicativas cotidianas, porém, ainda é muito pouco explorada nas salas de aula de Língua Portuguesa como objeto de ensino e aprendizagem, ao contrário do que ocorre com a escrita, haja vista todo um processo histórico que conferiu a esta um lugar de supremacia linguística. Como resultado da supervalorização da escrita em detrimento da fala, temos uma modalidade muito usada e pouco conhecida no que se refere aos seus aspectos básicos e características inerentes. A tira em quadrinhos, considerada como gênero multimodal por apresentar em sua composição mais de um código semiótico, que são o código verbal e o não verbal, ambos imprescindíveis à construção do sentido desse gênero, assemelha-se em diversos aspectos com as conversações, sobretudo as que acontecem face a face, uma vez que nessas interações o indivíduo também recorre ao uso de elementos não verbais, como a gestualidade, a prosódia. Nesse contexto, o objetivo deste artigo é apresentar um conjunto de elementos e de características típicos da oralidade que podem ser observados em textos que não pertencem a essa mesma modalidade da língua, neste caso, tratamos especificamente da tira em quadrinhos, cujo código linguístico utilizado é o escrito e não o oral. Para isso, fez-se necessário a identificação e análise das características do gênero em questão buscando nelas alguma relação de similaridade com as construções orais. Como resultado desse processo, obtivemos um material que pode ser usado como suporte didático para que professores de Língua Portuguesa possam utilizar a tira em quadrinhos como um instrumento que viabilize a didatização da oralidade em sala de aula.

Palavras-chave: Língua portuguesa, Oralidade, Tira em quadrinho.

1. Introdução

A oralidade é a modalidade da língua mais utilizada nas diversas interações verbais que se instalam cotidianamente na nossa sociedade desde tempos remotos, quando a escrita sequer havia surgido, até os tempos atuais em que variados mecanismos e recursos eletrônicos viabilizam a comunicação escrita instantânea similar ao que outrora só era possível através da fala.

Ressente-se que tamanha relevância seja tão pouco considerada no que se refere ao ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa (LP), este, voltado prioritariamente para o letramento.

Percebe-se nos livros didáticos (LD) de LP a timidez das atividades que contemplam a oralidade. Por outro lado, sente-se a necessidade de que esta seja abordada de forma mais efusiva nas salas de aula oferecendo, desse modo, ao aluno a possibilidade de ampliar a sua competência discursiva oral, como sugere os Parâmetros Curriculares Nacionais de LP.

Assim, este artigo, que se trata de um recorte da nossa Dissertação, apresenta, inicialmente, uma análise dos aspectos semelhantes entre a oralidade e a escrita através do gênero textual tira em

quadrinhos, e, por fim, apresenta o gênero como um recurso por meio do qual a oralidade poderá ser trabalhada na sala de aula.

2. Metodologia

Através da análise de LD foi possível constatar que este apresenta grandes lacunas no que se refere ao ensino da modalidade oral da LP. A ausência de atividades que contemplem esta modalidade dificulta e por vezes torna inviável a ação do professor, visto que ele ainda é o principal recurso didático utilizado nas salas de aula.

Assim, buscando inspiração na pesquisa-ação, que segundo Chizzotti (2013), tem como uma das finalidades a produção do saber didático, oferecemos, neste trabalho, sugestões de atividades didáticos-pedagógicas voltadas para o desenvolvimento da oralidade visando contribuir com a prática pedagógica de professores de LP, no sentido de atender ao que se espera dessa disciplina em relação ao ensino da oralidade, que é a ampliação da competência linguístico-discursiva oral dos alunos, preparando-os para as diferenciadas situações de interação das quais poderão participar.

3. Elementos estruturadores do texto oral

Conforme Marcuschi (1991, p. 14) “A conversação é a primeira das formas de linguagem a que estamos expostos e provavelmente a única da qual nunca abdicamos pela vida afora”. O autor considera algumas razões para o estudo da conversação, destacando:

Em primeiro lugar, ela é a prática social mais comum no dia-a-dia do ser humano; em segundo, desenvolve o espaço privilegiado para a construção de identidades sociais no contexto real, sendo uma das formas mais eficientes de controle social imediato; por fim, exige uma enorme coordenação de ações que exorbitam em muito a simples habilidade linguística dos falantes (MARCUSCHI, 1991, p. 5).

As pesquisas linguísticas que têm como objeto de investigação a oralidade enquanto prática social interativa são de datas bem recentes; no caso da Análise da Conversação, Marcuschi (1991) indica a década de 60 como a data de início dessa ciência. Segundo este autor, nessa época, a preocupação era com os aspectos referentes a estruturas e aos mecanismos organizadores das conversações; posteriormente, é que veio a surgir o interesse em observar os demais aspectos inerentes as atividades conversacionais responsáveis por tornar essas interações compreensíveis.

O resultado dos estudos desenvolvidos a partir dessas duas perspectivas permitiu a construção do conceito de oralidade como uma prática social de uso da linguagem que se manifesta de forma tão organizada e coerente quanto a escrita. Os textos orais, principalmente os conversacionais se estruturam a partir de elementos básicos como: (a) turno; (b) tópico discursivo; (c) marcadores conversacionais; e (d) par adjacente.

Inicialmente é preciso compreendermos que “o turno define-se como a produção de um falante enquanto este está com a palavra, incluindo a possibilidade de silêncio.” (FÁVERO, ANDRADE e AQUINO, 2012, p. 37). Assim sendo, para que haja diálogo, é necessário, no mínimo, a presença de dois interlocutores que tomem posse do turno de forma alternada. Logo, a atividade dialógica tem como princípio básico a alternância, que por sua vez, funciona sob algumas regras, sendo a regra geral básica da conversação: fala um de cada vez.

Conforme menciona Marcuschi (1991), uma conversação deve ter como característica um equilíbrio em relação a duração dos turnos e à focalização do discurso.

Quando a regra geral é violada, ocorrem as sobreposições de falas. Nesses casos, para que não se prolonguem, deve ser feita imediatamente uma negociação entre os falantes em competição, para que apenas um deles permaneça como com o turno (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006).

Outro elemento estruturador da conversação é o Tópico discursivo, que pode ser definido como o assunto ou o tema da conversa. Durante uma mesma conversação podem ocorrer mudanças de tópico. Segundo Marcuschi (1991, p. 77):

No geral, as conversações iniciam-se com o tópico que motivou o encontro. Se foi um encontro inesperado ele pode iniciar com a surpresa e passar para outro tópico logo em seguida; se foi combinado, o tópico inicial já estava em pauta; tratando-se de um telefonema, aquele que chamou normalmente sabe o que pretende propor na primeira brecha que se oferecer para o tópico.

Porém, o fundamental, continua o autor, “é que só se estabelece e se mantém uma conversação se existe algo sobre o que conversar [...]” (MARCUSCHI, 1991, p. 77).

Em uma conversação fluente a mudança de um tópico para outro ocorre com bastante naturalidade¹. Em outros casos, os interlocutores utilizam-se dos marcadores conversacionais para indicar que um novo tópico será introduzido. Os marcadores mais comuns nessas situações são: *isto me lembra aquela do* que indica uma digressão; *sim, mas mudando de assunto*, que sugere uma

¹ Idem

quebra ao que está sendo tratado; *mas voltando ao assunto* que enuncia um retorno ao assunto que foi interrompido (MARCUSCHI, 1991).

Sobre os marcadores conversacionais (MCs) Fávero, Andrade e Aquino (2012, p. 47) esclarecem que “A expressão marcador conversacional serve para designar não só elementos verbais, mas também prosódicos e não linguísticos que desempenham uma função interacional qualquer na fala”. Assim, os MCs assumem funções conversacionais e também sintáticas.

Os MCs não verbais ou paralinguísticos, incluem o olhar, o riso, os meneios de cabeça, a gesticulação; os prosódicos ou suprasegmentais estão relacionados as pausas, os alongamentos e o tom de voz; e os verbais dizem respeito a alguns itens lexicais, pré-lexicais ou mesmo expressões mais complexas. “Os MCs, em suma, verbalizam o monitoramento da fala, sendo frequentemente vazios de conteúdo semântico, portanto, irrelevante para o processamento do assunto, porém altamente relevantes para manter a interação” (CASTILHO, 2014, p. 47).

A importância dos MCs verbais, nas conversações é, sobretudo, manter a articulação desses textos de forma que estes não se tornem uma sequência de monólogos paralelos. Em alguns momentos, porém, é possível perceber que estes elementos suprem o papel da pontuação na fala, de forma que podemos dizer que eles tanto articulam como segmentam os textos das conversações. Conforme Fávero, Andrade e Aquino (2012, p. 49):

Os marcadores conversacionais exercem funções estruturadoras relevantes, coincidindo de modo distribucional e funcional com operações de organização sintática. Constituem um elemento importante na articulação de textos porque evitam que a conversação se torne uma sucessão de monólogos paralelos. Porém, na medida em que encadeiam um texto de modo coeso, os marcadores também o segmentam. Percebe-se que eles agem como elementos de segmentação ao mesmo tempo em que suprem, em certa medida, o papel da pontuação na fala.

Os pares adjacentes, por sua vez, são dois turnos emparelhados, conforme ressalta Castilho (2014, p. 44) sendo os mais comuns pergunta-resposta, convite-aceitação ou recusa, pedido-concordância ou recusa, saudação-saudação. O par adjacente é considerado como um elemento básico da interação haja visto a frequência com que aparecem nas conversações.

Segundo Fávero, Andrade e Aquino (2012, p. 53) o par adjacente “concorre para organizar localmente a conversação, controlando o encadeamento de ações e, inclusive, podendo constituir-se em elemento introdutor do tópico discursivo”. Desse modo, há nas conversações uma ligação estreita entre esses dois elementos na medida que estas se organizam por meio de tópicos discursivos que, muitas vezes, se estabelecem através do par adjacente.

4. Os sistemas semióticos presentes nos textos orais

“Quando falamos, usamos não só a voz mas também o corpo, pois fazemos gestos, meneios de cabeça, entoações que podem sinalizar uma pergunta, uma crítica, um elogio, por exemplo.” (DIONÍSIO, 2007, p. 178).

Esses signos provenientes de outras semioses são mobilizados pelo indivíduo simultaneamente a fala e em algumas situações, poderão substituí-la. Dolz e Schneuwly (2004) ressaltam que nas interações comunicativas esses signos podem tanto confirmar como negar o que está sendo expresso por meio do código linguístico, essa afirmação pode ser compreendida na exemplificação feita por Dionísio (2007, p. 178):

Se uma amiga me pergunta se eu gostei do novo corte de cabelo dela e eu respondo: lindo. Se digo a palavra *lindo* com *um sorriso no canto da boca ou balançando negativamente a cabeça*, certamente minha opinião não será um elogio, e sim uma crítica, uma vez que palavra e gestos funcionam juntos na construção do sentido do meu enunciado.

Kerbrat-Orecchioni (2006) divide esses signos semióticos em dois conjuntos; um formado pelo material paraverbal, que compreende as unidades que são transmitidas pelo canal auditivo, como a entonação, as pausas, intensidade articulatória, elocução, particularidades da pronúncia que, por sua vez, acompanham as unidades propriamente linguísticas, e outro formado pelo material não-verbal, ou seja, pelas unidades transmitidas pelo canal visual. Nesse segundo conjunto estão incluídos os signos estáticos, que dizem respeito às características físicas dos interlocutores, tanto as características naturais (altura, peso, aparência étnica, sexo) como aquelas que foram adquiridas (rugos, bronzeamento) ou acrescentadas (roupas, acessórios, maquiagem etc). Este grupo inclui também os cinéticos lentos que são as distâncias, as atitudes e as posturas, e os cinéticos rápidos que são os olhares, as mímicas e os gestos. A autora chama atenção para alguns elementos como os risos e os soluços que podem estar incluídos ao mesmo tempo no conjunto dos elementos paraverbais e no conjunto dos não-verbais, uma vez que são simultaneamente de natureza auditiva e visual.

Assim, para que a coerência nos textos orais seja percebida é essencial levar em consideração todos esses elementos, tanto os paraverbais como os não-verbais.

Em uma visão mais voltada para o ensino, Bentes (2010) compartilha do mesmo pensamento quanto a importância de se considerar os elementos provenientes de outras semioses, além dos elementos propriamente linguísticos na produção e recepção dos discursos orais.

Gostaríamos que você, professor, ao se propor a trabalhar a *oralidade* em sala de aula, considerasse o fato de que toda a produção discursiva é constituída por várias camadas de significação, que se mostram por meio de diversos outros recursos semióticos, para além dos recursos propriamente linguísticos. Ou seja, os processos de produção e de recepção dos discursos e textos (orais ou escritos) envolvem necessariamente a mobilização, por parte do produtor e/ou do receptor, sonoridades, visualidades, movimentos, texturas etc. (BENTES, 2010, p. 131)

Se ao analisarmos os textos orais considerarmos apenas os elementos linguísticos essas construções se tornarão incompreensivas. O exemplo, a seguir, retirado de Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 40) nos dá uma noção de como esses elementos funcionam simultaneamente durante as interações orais:

Brincadeira de F¹= Riso de F²

Censura de F¹ a F²= Dar de ombros

Elogio de F¹ a F²= F²: mímica apropriada

Ordem de F¹ a F²= F²: execução do ato ordenado

A autora faz considerações importantes a respeito do papel que os elementos paraverbais e não-verbais têm no funcionamento das interações, principalmente, a distância, a orientação do corpo e o olhar. No começo do encontro, geralmente, ocorre um deslocamento na direção do outro até chegar a distância necessária, além de um contato visual, para assim proceder o diálogo. Durante a ocorrência do diálogo, tanto a boa distância como a postura devem ser mantidas, além da troca regular de olhares. Para que o diálogo seja encerrado, o deslocamento é oposto ao que é feito no início, sendo comumente observado o afastamento dos falantes entre si. Esses elementos também atuam durante a alternância de turnos durante as conversações. Além disso, são fortes indicadores do estado afetivo e emocional dos participantes das interações.

5. A tira em quadrinhos e a oralidade

A tira em quadrinhos, mesmo sendo um gênero da escrita, representa situações cotidianas de conversações, característica que faz com que ela se aproxime dos gêneros da oralidade, considerando-se os postulados de Marcuschi (2001). Esse gênero utiliza em sua composição, do mesmo modo que as interações orais face a face ou mediadas, outros sistemas linguísticos, além do verbal, que são fundamentais a construção do seu sentido. Não é nosso foco neste trabalho discutir sobre a multimodalidade presentes nesses textos, mas salientamos que a tira em quadrinhos revela uma textualidade caracterizada pelo verbal e não verbal, que compreendem imagens, cores, formas gráficas, etc., neste aspecto, salientamos as considerações de Marcuschi (2010, p. 46):

Tanto a fala como a escrita não operam nem se constituem numa única dimensão expressiva mas são multissistêmicas (por exemplo, a fala serve-se da gestualidade, mímica, prosódia etc.; e a escrita serve-se da cor, tamanho forma das letras e dos símbolos, como também de elementos logográficos, icônicos e pictóricos, entre outros, para fins expressivos); (MARCUSCHI, 2010, p. 46).

A afirmação de Marcuschi esclarece que todos os gêneros, tanto da modalidade oral como da escrita são por natureza multimodais. No caso da tira em quadrinhos, só vamos utilizar como critério de classificação apenas o sistema linguístico verbal, assim, temos um gênero da escrita.

De maneira cômica, as tiras em quadrinho, bem como as *charges*, são utilizadas, principalmente por jornais impressos e *sites* com o propósito de criticar ou denunciar problemas de caráter político e social. A compreensão dos conteúdos expressos nessas narrativas requer do leitor a ativação de conhecimentos que vão além dos relativos ao código verbal.

Quando o indivíduo fala, simultaneamente ele mobiliza diversos signos que são provenientes de outros sistemas semióticos. É nesse sentido que as tiras em quadrinho, bem como as histórias em quadrinhos se constituem em recursos pedagógicos bem favoráveis ao trabalho com a oralidade.

Dentre as possibilidades de abordagem que elas nos oferecem podemos ressaltar, por exemplo, os conhecimentos acerca dos sistemas semióticos que estão envolvidos na construção dos textos orais, especificando dentre esses, os que envolvem os aspectos paralinguísticos e cinésicos.

Sobre a didatização desse gênero é importante compreendermos que “como todo gênero discursivo, as TQ² são culturalmente situadas, sendo que para que suas funções de causar graça e de criticar sejam percebidas, as mesmas devem ser interpretadas dentro dos contextos onde são publicadas”. (CATTO e HENDGES, 2010, p.196). Assim, sempre que trazemos um gênero, qualquer que seja, para fazer parte do trabalho em sala de aula, ocorre o que Schneuwly e Dolz

² TQ significa tira em quadrinhos. Esta sigla é utilizada por estes autores para referir-se ao gênero que estamos tratando aqui.

(2004) chamam de desdobramento. Segundo esses autores, isso ocorre quando um gênero deixa de ser apenas instrumento de comunicação e passa a assumir, também, a função de objeto de ensino-aprendizagem.

Desse modo, quando a Tira em quadrinhos é retirada do seu contexto original, seu suporte, e trazida para sala de aula, é com a finalidade de atender a determinados objetivos de aprendizagem, conforme esclarecem Schneuwly e Dolz (2004):

Toda introdução de um gênero na escola é o resultado de uma decisão didática que visa a objetivos precisos de aprendizagem, que são sempre de dois tipos: trata-se de aprender a dominar o gênero, primeiramente, para melhor conhecê-lo ou apreciá-lo, para melhor saber compreendê-lo, para melhor produzi-lo na escola ou fora dela; e em segundo lugar, de desenvolver capacidades que ultrapassam o gênero e que são transferíveis para outros gêneros próximos ou distantes. Isso implica uma transformação, pelo menos parcial, do gênero para que esses objetivos sejam atingidos e atingíveis com o máximo de eficácia: simplificação do gênero, ênfase em certas dimensões etc.; (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004, p. 69).

6. Trabalhando a oralidade na sala de aula através da Tira em quadrinhos

A tira em quadrinhos também pode ser usada como recurso para que sejam analisados os elementos estruturais dos textos orais que, por sua vez, são de natureza diferenciada dos textos escritos. A compreensão desses elementos é fundamental para que o aluno venha a perceber a coerência e a coesão como fatores que estão presentes também nos textos dessa modalidade.

A título de sugestão e reflexão para ampliação do trabalho com a oralidade em sala de aula, a fim de que os alunos possam dominar o gênero tira em quadrinhos, o texto que apresenta o personagem Calvin, a seguir, é um exemplo de como abordar os elementos da oralidade a partir desse gênero.

Tira em quadrinho apresentada como sugestão para explorar a oralidade em sala de aula a partir deste gênero³

³NOVA ESCOLA. **Tiras do Calvin**. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/coletaneas/calvin-seus-amigos-28892.shtml>>. Acesso em: 25/05/2015.

Calvin



(Bill Watterson, Yukon Ho! São Paulo, Conrad, 2008, p. 93)

Fonte: revistaescola.abril.com.br

A ênfase, neste caso, deve ser dada à forma como o texto foi construído. É importante que o aluno perceba que houve um revezamento nos papéis de *falante e ouvinte* representados por Calvin e seu pai. Ademais, que essa alternância funciona como elemento estruturador do texto, de forma que a coesão e a coerência se tornam visíveis ao considerarmos na perspectiva do diálogo. Outros elementos que podem ser explorados em um texto como esse são o *par adjacente* e o *tópico discursivo*. Isso não significa que o professor trabalhe com o uso dos termos em si, mas com a noção da importância que estes adquirem nas conversações. Desse modo, é pertinente chamar a atenção do aluno para o assunto que está sendo discutido e para maneira como este é introduzido em cada fala que é iniciada, levando-o a entender que o elemento responsável pelo encadeamento das falas das personagens e continuidade da interação são os pares *perguntas e respostas*.

Realizar atividades de retextualização a partir da tira em quadrinhos é uma maneira de estimular as operações cognitivas nos alunos, além de ser uma maneira bem eficiente de avaliá-los quanto à compreensão dos aspectos cinésicos e paralinguísticos presentes nestes gêneros. Marcuschi (2001) nos dá uma ideia de como se dá mentalmente esse processo de transformação textual:

Para dizer de outro modo, em outra modalidade ou em outro gênero o que foi dito ou escrito por alguém, devo inevitavelmente compreender o que foi que esse alguém disse ou quis dizer. Portanto, antes de qualquer atividade de transformação textual, ocorre uma atividade cognitiva denominada compreensão. (MARCUSCHI, 2001 [2010], p. 47).

A tira em quadrinhos a seguir, é posta como sugestão para que a partir dela seja realizada uma atividade de retextualização.

Tira em quadrinho apresentada como sugestão para atividades de retextualização⁴

⁴ TIRAS DE MAFALDA. Disponível em: <<http://tirasdemafalda.tumblr.com/image/10357011421>>. Acesso em: 25/05/2015.



Fonte: tirasdemafalda.tumblr.com

A partir da leitura e análise dessa tira em quadrinhos, o professor poderá propor uma atividade de retextualização em que os alunos sejam orientados a passar para a forma oral aquilo que nela está sendo retratado. Ou seja, solicitar que eles contem oralmente o que aconteceu de acordo com o que foi possível compreender através das imagens e das falas das personagens. Ler uma tira em quadrinho é como presenciar uma cena, de forma que podemos tanto visualizar as ações das personagens como ouvir o que elas dizem. Assim, ao realizar uma atividade como essa os alunos terão a oportunidade de vivenciar situações em que precisem contar/relatar uma conversa ou uma discussão, por exemplo, na qual estiveram presentes.

No dia a dia como cidadão são comuns essas situações em que as pessoas participam de reuniões, assistem conferências, e etc. depois precisam repassar as informações discutidas ou adquiridas nestes eventos para outras pessoas que não compareceram. Mesmo a tira em quadrinho representando situações bastantes cotidianas e com uma quantidade de informações aquém das situações que descrevemos, ao relatar o fato que nela está sendo tratado os alunos terão a possibilidade de desenvolver as habilidades necessárias à elaboração e organização de relatos orais, pois, embora seja uma tarefa que realizamos constantemente algumas pessoas poderão apresentar dificuldades ao realizá-la. Essas dificuldades podem ser de natureza cognitiva ou mesmo linguística, no sentido de organizar o que vai ser dito, e de que maneira. É importante que o professor aproveite esse momento e trabalhe com os alunos a questão da organização textual. Para isso, seria interessante que os relatos fossem gravados para que depois os alunos pudessem realizar a escuta de suas falas narrando o fato e juntamente com o professor analisar como ocorreu o processo de elaboração do texto. Nesse sentido, alguns pontos podem ser tratados: (a) identificar as possíveis estratégias de processamento textual, como a inserção e a reformulação, que, por ventura, os alunos tenham empregado. (b) verificar se aparecem elementos como pausas, hesitações e qual a função que desempenharam no processo de elaboração textual.

Além disso, é viável que o professor questione os alunos a respeito das operações interpretativas que foram realizadas até que chegassem à compreensão geral do texto. Desse modo, é possível avaliar o nível de compreensão quanto aos elementos não verbais que representam a maior parte da tira em quadrinho.

A retextualização, no caso dessa atividade, pode ocorrer de duas formas: (a) da escrita para a fala e (b) de um gênero textual para outro.

Sugerimos que para a realização de uma atividade como essa sejam distribuídas diversas tiras em quadrinhos para que a contação do fato não se torne repetitiva.

7. Conclusão

Acreditamos, sobretudo, que a pouca ênfase dada ao ensino da oralidade é consequência da pouca importância que foi dada a essa modalidade ao longo de muito tempo, de forma que os cursos de licenciaturas e os de formação continuada não davam atenção ao estudo dos aspectos referentes ao texto oral. Desse modo, os professores não obtiveram a formação necessária para lidar com esse objeto de ensino em sala de aula.

Nesta perspectiva, após observação das lacunas no que se refere ao ensino da oralidade, apresentamos algumas sugestões de atividades que possam favorecer ao desenvolvimento de algumas habilidades orais nos alunos, com o propósito, sobretudo, de mostrar que não precisa atividades que não estejam ao alcance do professor, pois, com proposições simples como as que cotidianamente são realizadas na sala de aula é possível desenvolver as habilidades orais dos alunos, basta para isso, conhecimento sobre o objeto em questão, já que se ensina o que não se conhece, interesse em fazê-lo, e buscar as estratégias apropriadas para que o ensino seja eficiente.

A partir dessas considerações, compreendemos a importância da reflexão realizada, para que possamos repensar a prática docente. Além disso, é de extrema importância repensar a formação continuada, haja vista que podemos encaminhar outras discussões que também privilegiem o objeto que abordamos neste trabalho.

Referências

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **A língua falada no ensino de Português**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

CATTO, Nathalia Rodrigues. HENDGES, Graciela Rabuske. **Análise de Gêneros Multimodais com Foco em Tiras em Quadrinho**. *SIGNAL: Estud. Ling.*, Londrina, n. 13/2, p. 193-217, dez. 2010.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DOLZ, Joaquim. SCHNEUWLY, Bernard. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

FÁVERO, Leonor Lopes. ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha V. de Oliveira. AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. **Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FNAC. **50 anos da Mônica**. Disponível em: <<http://www.universofnac.com.br/fnac/50-anos-da-monica-fnac-realiza-concurso-de-tirinhas-para-criancas-nas-lojas-morumbi-paulista-e-pinheiros/>>. Acesso em: 25/05/2015.

KERBRAT-ORECCHIONE, Catherine. **Análise da conversação: princípios e métodos**. Trad. Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Análise da conversação**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991

MARCUSCHI, Luiz Antônio. DIONÍSIO, Ângela Paiva. **Fala e escrita**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

NOVA ESCOLA. **Tiras do Calvin**. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/coletaneas/calvin-seus-amigos-28892.shtml>>. Acesso em: 25/05/2015.

TIRAS DE MAFALDA. Disponível em: <<http://tirasdemafalda.tumblr.com/image/10357011421>>. Acesso em: 25/05/2015.

SCHNEUWLY, Bernard. Palavra e ficcionalização: um caminho para o ensino da linguagem oral. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo. Campinas: Mercado das Letras, 2004.